

As desventuras de um preconceito

Capítulo3. As fontes do preconceito

Génese, elaboração e difusão do preconceito anti-alentejano: três fontes, três lógicas sociais

José Rodrigues dos Santos

1. Se o preconceito tem uma história

"Estereótipo, preconceito, estigma"

Enquanto factos sociais publicamente observáveis, os comportamentos a que se referem esses termos aparecem na vida corrente como algo tão "natural", tão consensual, que se confunde com a própria cultura em que circulam. O uso das formas culturais normalizadas não pressupõe nem é acompanhado pela atitude reflexiva que interroge a sua origem, o seu modo de constituição no tempo e no espaço sociais. O que é presente e comumente observado e utilizado tende a ser considerado como tendo existido desde sempre e com vocação a durar para sempre. O erro da consciência comum, quotidiana, consiste precisamente em encarar as coisas sociais *sub specie aeternitatis*, quando por natureza intrínseca elas são contingentes e devem ser encaradas na sua circunstância temporal, ou seja, submetidas à duração e à mudança no tempo. Acresce o facto de esse senso comum não operar as distinções necessárias entre as três noções: estereótipo, preconceito, estigma.

Os três termos têm um ponto comum importante: são representações — de características, atributos, individuais ou colectivos — associadas a julgamentos negativos. Incomoda-me o facto de dever, num primeiro tempo, considerar estes três termos como *aproximadamente sinónimos*. Autoriza essa liberdade provisória a constatação de que no discurso comum eles são frequentemente utilizados *como se fossem* sinónimos. Questão de comodidade analítica inicial, que se espera poder ultrapassar quando for útil produzir, a partir destas três noções,¹ três conceitos bem formados. Por ora, e mais uma vez por compromisso metodológico, utilizar-se-á apenas "preconceito" como "representante" das três noções.

As questões a tratar na próxima série de bilhetes são as seguintes: (i) Desde quando existe o preconceito contra os "alentejanos", tanto quanto possam testemunhar os arquivos? (ii) Quais as situações, os grupos e os mecanismos sociais associados à criação e à difusão do preconceito? (iii) Quais as fases temporais que marcam a sua formação e difusão? (iv) Como dar conta da existência e da persistência do preconceito contra "os alentejanos", comparadas com a relativa moderação ou ausência de preconceitos relativos a outras regiões (Minho, Douro, etc.)?

Algumas destas perguntas pertencem a uma história sociológica da cultura (foco na cultura: (i) e (iii)); as outras, a uma sociologia histórica (foco nas sociedades: (ii) e (iv)).

NOTA: Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/00057/2025 - <https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025>

This work is funded by the Foundation for Science and Technology (Portugal), under the project UID/00057/2025 - <https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025>

Tentar-se-á, ao avançar, ir progressivamente caracterizando a diferença — subtil mas útil — entre as duas abordagens, se isso se revelar possível.²

1.1 Partir do presente: o facto social "preconceito contra os alentejanos"

Constata-se que o preconceito que visa os alentejanos é um facto social presente nos discursos privados e públicos em todo o território nacional e praticamente em todos os grupos sociais, com a excepção (parcial) dos alentejanos.³ É importante sublinhar essa difusão global no presente, facto que servirá para interrogar, por contraste, a sua ausência em certos espaços e grupos em épocas anteriores. É claro que a "ausência" de um facto social numa determinada época é sempre submetida à precaução habitual: a ausência de documentos, de testemunhos, não *prova*, em rigor, a ausência do facto. O que reforça a presunção de ausência do facto quando faltam arquivos é um conjunto de outros factos que indicam na mesma direcção. Um exemplo extremo, que tem mais valor lógico que empírico, é admitir, sem provas, a inexistência do preconceito sobre "alentejanos" na Bretanha francesa no século XIX. Simplesmente, a ausência geral de comunicação (conhecida) entre os dois espaços torna verosímil que a ausência de testemunhos seja equivalente à ausência do facto.

Prevenir desde já o leitor: o que aqui se empreende, para ser tratado de modo plenamente satisfatório, deveria ser objecto de um projecto de investigação à escala real no espaço e no tempo, o que é impossível no âmbito de um modesto folhetim. Mas fica a ideia.

2. As três fontes do preconceito: de onde surge o preconceito

Nota prévia: o conceito de «fonte» como situação social generativa

Os preconceitos são produzidos em situações sociais específicas, por agentes identificáveis, com recursos culturais que variam consoante a época e o lugar. Antes de analisar as três fontes que, na hipótese aqui desenvolvida, geraram, alimentaram e deram forma ao preconceito sobre os alentejanos, convém precisar o que a metáfora de «fonte» designa neste contexto. Uma «fonte» não é uma causa única e suficiente — é uma *situação social generativa*: um conjunto de parâmetros que cria as condições de possibilidade para a produção, a reprodução e a difusão de representações negativas sobre um grupo. O que se designa metaforicamente por "fonte" também não é um "ponto de origem" no tempo ou no espaço. Marc Bloch (1949) mostrou definitivamente a que grau de despiste conduz o "ídolo das origens". Cada fonte implica agentes sociais específicos, um espaço de comunicação próprio, uma temporalidade característica, e um regime de credibilidade próprio. A separação analítica entre as três fontes é portanto uma operação metodológica — não a afirmação de que elas funcionaram historicamente em isolamento; as "contaminações" entre elas são constitutivas tanto da trajectória do preconceito como da sua consistência.

Distribuídas no espaço e no tempo, as três fontes são as seguintes: (1) o contacto agonístico, antigo, repetido de ano a ano, entre os imigrantes internos para o Alentejo ("ratinhos" e outros) e os trabalhadores locais; (2) a cultura erudita, sobretudo nos séculos XIX e XX; (3) a cultura popular urbana, difundida pelos meios de comunicação de massa à escala nacional, a partir dos anos 1930 mas sobretudo na segunda metade do século XX.

A síntese das contaminações

A contaminação mais importante, e a menos estudada, é a que vai da Fonte 1 para a Fonte 2: a cultura erudita não inventou o preconceito sobre os alentejanos — encontrou-o já disponível no senso comum, como produto do contacto agonístico, e converteu-o em texto com autoridade. O movimento inverso, da Fonte 2 para a Fonte 1, também existe: os migrantes que regressavam levavam representações progressivamente contaminadas pela imprensa e pela rádio. A contaminação da Fonte 2 para a Fonte 3 é igualmente constitutiva: a cultura popular não partiu do zero — encontrou na cultura erudita os traços essenciais do estereótipo. E o movimento inverso, da Fonte 3 para a Fonte 2, é o que o Évora_27 exemplifica: parte do preconceito massificado e submete-o a um tratamento filosófico que o converte em "nova filosofia da existência".

O que a análise das três fontes revela é que o preconceito não é produto de uma causa única — é o produto de um *sistema de produção* com múltiplos agentes, espaços e temporalidades que se reforçam mutuamente. O *common knowledge* é o resultado desta acumulação histórica, não o produto de uma fonte única. O Évora_27 age simultaneamente sobre a Fonte 2 e sobre a Fonte 3 — e por isso mesmo deixa intacto o mecanismo que o sistema das três fontes constitui.

3. A primeira fonte do preconceito: o contacto agonístico

A situação social

A primeira fonte é a mais antigamente documentada e provavelmente a mais antiga na sua existência efectiva. Trata-se do contacto repetido, sazonal e estruturalmente conflitual entre os trabalhadores migrantes — "ratinhos, gaibéus, galegos, minhotos" — que desciam ao Alentejo para as grandes fainas agrícolas, e os trabalhadores locais alentejanos. Este contacto tinha todas as características de uma situação agonística: os dois grupos competiam pelo mesmo recurso escasso — o trabalho remunerado — no mesmo espaço e no mesmo tempo. Mas a situação não era de simetria: havia entre os dois grupos uma assimetria estrutural profunda que determinava, antes mesmo de qualquer contacto, a posição de cada um.

Do lado dos migrantes "ratinhos", o rendimento auferido no Alentejo era um rendimento *complementar*. Eram maioritariamente camponeses microfundários das Beiras — proprietários ou rendeiros de pequenas parcelas que não produziam rendimento suficiente para cobrir as necessidades anuais da família. Podiam aceitar condições mais duras e salários mais baixos porque a campanha valia a pena: era sobre um zero que se adicionava.

Do lado dos trabalhadores locais alentejanos, a situação era radicalmente diferente. O rendimento do trabalho agrícola era a *fonte exclusiva de rendimento*. Esta dependência exclusiva tornava-os muito mais vulneráveis à variação dos salários: uma compressão salarial que para um "ratinho" representava um ganho menor representava para um alentejano uma ameaça à sobrevivência.⁵ A sua resistência à redução das condições não era intransigência — era a racionalidade de quem não tem alternativa senão o desemprego.

É desta assimetria estrutural — e não de qualquer diferença de «carácter» — que nasce a tensão entre os dois grupos. Os trabalhadores locais viviam esta situação como concorrência desleal — e respondiam com as representações que a situação tornava funcionalmente necessárias: os "ratinhos" eram «inferiores», aceitavam trabalhar por menos porque eram menos.

Esta diferença de *habitus* tem uma consequência interpretativa central: o que os "ratinhos" percepcionavam como «preguiça» dos alentejanos era, do ponto de vista dos trabalhadores locais, o exercício de formas de resistência perfeitamente racionais e historicamente documentadas em inúmeras situações de salariato. A recusa de aceitar salários abaixo de um patamar considerado justo traduz-se na greve na sua forma mais elementar — único instrumento negocial disponível para trabalhadores assalariados sem terra própria. Do ponto de vista do "ratinho" microfundário,⁶ para quem a noção de greve era culturalmente estranha, esta recusa só podia ser lida como capricho ou indolência.

É verdade que os "manageiros" beirões que se deslocavam na Primavera para "apalavrar" ceifas procediam a uma espécie de negociação colectiva. Mas os trabalhadores migrantes tinham-se comprometido pessoalmente com o "manageiro" antes de partir: se não aceitassem ficavam na "terra". A greve tornar-se-ia uma deslealdade — e era simplesmente impensável. A disponibilidade para "furar" as greves dos alentejanos residia antes de mais nesse dilema.

O abrandamento do ritmo no trabalho à jorna é igualmente uma forma de resistência operária com uma história longa e documentada — o controlo do ritmo de trabalho foi um dos terrenos centrais do conflito entre capital e trabalho. O operário que abrandava quando não há incentivo para acelerar não é preguiçoso: exerce o único controlo que lhe resta sobre as condições da sua exploração. É o exacto equivalente, no mundo agrícola, da resistência dos operários industriais aos «ritmos infernais» da "organização científica do trabalho".⁷

Os alentejanos que trabalhavam à jorna e controlavam o seu ritmo sabiam porque o faziam. Os "ratinhos" não tinham o quadro de referência para o compreender. Sobre a situação de antagonismo, escreve Saramago (1980):

«Estão agora dois grupos de trabalhadores frente a frente, dez passos cortados os separam. Dizem os do norte, Há leis, fomos contratados e queremos trabalhar. Dizem os do sul, Sujeitam-se a ganhar menos, vêm aqui fazer-nos mal, voltem para a vossa terra, ratinhos. Dizem os do norte, Na nossa terra não há trabalho, tudo é pedra e tojo, somos beirões, não nos chamem ratinhos, que é ofensa. Dizem os do sul, São ratinhos, são ratos, vêm aqui para roer o nosso pão. Dizem os do norte, Temos fome. Dizem os do sul, Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria. (...) Diz o feitor, Enregam que mando eu, ou chamo a guarda. Dizem os do sul, Antes que a guarda chegue, correrá aqui sangue.»

O confronto dá briga; intervém o sargento da Guarda, bate nos do Sul, ameaça prisão. Corrompe-o o feitor — lenha, telhas, chouriços. Os do Sul, furiosos. De novo Saramago (1980): «Dizem uns do sul, Deitamos fogo à seara. Dizem outros, Seria uma dó de alma. Dizem todos, Não há dó para estas almas».⁸

O mesmo comportamento era lido de formas radicalmente diferentes pelos dois grupos: resistência operária racional do ponto de vista alentejano, indolência incompreensível do ponto de vista "ratinho". E é esta leitura "ratinha" — interiorizada como senso comum e transportada de volta às regiões de origem — que alimenta a representação da «preguiça alentejana» que a Fonte 2 virá depois a converter em argumento erudito.

Como (quem) é o Outro?

O contacto agonístico produzia representações em ambos os sentidos. Do lado dos alentejanos, os ratinhos eram representados em clave de *estranheza* e de *inferioridade cultural*. Chegavam com um sotaque marcado — «galego» — e hábitos de vida percepcionados como «sujos».⁹ Eram «estrangeiros de dentro».

Do lado dos "ratinhos", as representações sobre os alentejanos associavam "ociosidade" ou "preguiça"; e a resistência ao trabalho em condições abusivas não era compreendida. Testemunhos documentam uma percepção das mulheres alentejanas como «demasiado finas» — sinal de um processo de *introjecção do olhar hierarquizante*. Esses "ratinhos" tinham interiorizado, como descrição de si próprios, a posição inferior que os alentejanos lhes atribuíam.¹⁰ É a violência simbólica exercida pelos dominados sobre si próprios: a dominação é mais eficaz quando é reconhecida como legítima por quem a sofre (Bourdieu, 1992).

Esse *efeito de inautenticidade* é o esquema fundamental que o Évora_27 virá reconduzir séculos mais tarde com os próprios alentejanos. Tal como as elites regionais acabarão por adoptar o «vagar» que as elites externas projectam sobre o Alentejo como se fosse identidade positiva, os "ratinhos" terão por vezes adoptado a representação alentejana como ponto de partida da sua auto-descrição.¹¹ O paradoxo da inautenticidade não é invenção do século XXI — é um esquema de base que "naturaliza" as diferenças em numerosas situações de dominação.

A assimetria de difusão

Apenas um dos lados — o que os "ratinhos" produziam sobre os alentejanos — entrou nos circuitos de difusão primeiro regional, depois nacional. Os ratinhos vão desempenhar o papel de "mediadores culturais" na transmissão do estereótipo, detendo localmente "monopólio experiencial" sobre o Sul agrícola (Pozzoni e Quattromini, 2024; Grignon e Passeron, 1989).¹²

A temporalidade e a geografia

O contacto agonístico é pelo menos tão antigo quanto a existência documentada das migrações sazonais — a louça "ratinha" de finais do século XVIII confirma uma prática já estabelecida. A sua temporalidade é *sazonal e cíclica*: reactivada a cada campanha, reproduzida ao longo de gerações que aprendiam as representações antes mesmo de conhecerem os alentejanos. Conta José da Silva Picão (1903):¹³

«Tanto no concelho de Elvas, como em muitos outros do Alentejo e até de Espanha, as ceifas nas herdades, são geralmente executadas por milhares de homens e rapazes que, de propósito, vêm das Beiras e que o público conhece pelo nome de ratinhos ou ratos. (...) Ratinhos foram seus avós e pais, ratos se consideram eles e outro tanto sucederá a seus filhos e netos.»

A sua geografia de produção são as herdades do Alentejo; a sua geografia de circulação são as regiões de origem dos migrantes. É aí — e não no Alentejo — que o preconceito gerado pelo contacto agonístico se reproduz e se torna disponível para ser absorvido pela Fonte 2.

4. A segunda fonte do preconceito: a cultura erudita

Ou como a cultura erudita escreve torto por linhas direitas

4.1 Introdução

Neste capítulo visitamos o processo pelo qual a cultura erudita portuguesa — historiadores, romancistas, etnógrafos, folcloristas, geógrafos — elaborou e legitimou um conjunto de representações sobre os alentejanos e o Sul de Portugal. A tese central é que o preconceito sobre os alentejanos, originado em contextos populares de conflitos laborais, passou por esta segunda fonte que o tornou sistemático e coerente, dotando-o de uma legitimidade científica ou literária que as representações difusas de que partiu não possuíam.

O preconceito erudito distingue-se do primeiro por ser um preconceito de distância e de projecção: a maioria dos seus produtores nunca conviveu longamente com trabalhadores alentejanos. Duas componentes principais o estruturam: o determinismo geo-cultural e a etnicidade.

4.2 Os contextos culturais europeus

O Romantismo e a natureza como força formadora

O Romantismo europeu (fins do séc. XVIII–séc. XIX) operou uma transformação decisiva na relação entre natureza, povo e identidade. Com Herder (1784-1791) e o conceito de *Volksgeist*, cada povo passou a ser entendido como o produto orgânico do seu território, da sua língua e das suas tradições. O olhar romântico sobre os conjuntos "paisagens-povos" projecta sobre eles o seu próprio sonho de harmonia: estilizados, os povos são "naturalizados". A "influência da paisagem" é uma projecção da cultura erudita sobre o mundo, e não uma constatação empírica.

A ideia de que o meio físico molda os humanos tem raízes anteriores ao Romantismo. Em Hipócrates (*Ares, Águas, Lugares*) e em Aristóteles encontram-se as primeiras formulações de uma relação causal entre clima, solo e carácter dos povos. O Iluminismo retomou esta intuição na "teoria dos climas" (Montesquieu, 1748): climas quentes produzem passividade; climas frios, energia e vigor.

O Romantismo e a "descoberta" da Biologia

Na segunda metade do séc. XIX, sob a influência (nem sempre bem compreendida) de Darwin e de Mendel,¹⁴ o nacionalismo cultural romântico articulou-se com categorias étnicas e raciais: o povo tornou-se nação, e a nação foi definida pela raça. O que em Garrett (1846) era "espírito do povo" transforma-se em Teófilo Braga (1894) em "raça portuguesa".

4.3 Portugal: um ambiente cultural obcecado pela "etno-genealogia" do povo

Portugal importou e adaptou o racismo europeu do séc. XIX, embora menos intensamente do que a Alemanha ou a França. A diversidade originária da população portuguesa — Iberos, Celtas, Romanos, Visigodos, Árabes, Berberes, Judeus — tornava impossível a ficção de uma origem étnica pura, o que levou historiadores como Herculano e Oliveira Martins a posições mais críticas em relação aos mitos de origem do que Michelet em relação ao mito gaulês.¹⁵

Entre os principais vectores deste racismo "interno": Teófilo Braga (1894), com o seu "moçarabismo"; Oliveira Martins (1879, 1881); Rocha Peixoto (1899-1905); e António Augusto Mendes Correia (1919), obcecado pela hierarquia das "raças", promotor da antropometria e do eugenismo, fundador da Escola de Antropologia do Porto.

A oposição estruturante: Norte/Sul

Uma das estruturas centrais deste pensamento é a oposição Norte/Sul, que pretendendo ser puramente descritiva era portadora de uma hierarquia implícita: o Norte tratado como representante "autêntico" do substrato europeu português; o Sul associado ao "tipo mediterrânico", à herança mourisca e a uma "menor europeidade" relativa.

Esta tradição mantém-se viva bem para além do séc. XIX. Em meados do séc. XX, Jorge Dias retoma e codifica a oposição Norte/Sul. Em "Os elementos fundamentais da cultura portuguesa" (1955), escreve:

«Apesar da relativa homogeneidade da população actual, no Norte do País abundam elementos da Europa Setentrional e Central (celtas e germanos), enquanto no Sul predominam os elementos do Sul da Europa e do Norte de África (mediterrâneos e berberes).»

João Leal reconstituiu o enquadramento teórico desta posição, mostrando como ela assenta no modelo geográfico de Orlando Ribeiro. Em *Etnografias Portuguesas* (2000), escreve:

«Essa reflexão [de Jorge Dias] apoia-se decisivamente no modelo tripartido proposto por Orlando Ribeiro em Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico (1963 [1945]), segundo o qual seria possível distinguir em Portugal três áreas claramente individualizadas: o Portugal Mediterrânico — Algarve, Alentejo, Estremadura e Ribatejo — o Portugal Atlântico — Beira Litoral, Porto e Minho — e o Portugal Transmontano.»

Este percurso documenta a extraordinária longevidade da estrutura Norte/Sul. O que muda é a linguagem — racial, geográfico-etnográfica, simbólico-política; o que não muda é a oposição de base, com o Alentejo a ocupar o polo de menor "europeidade" relativa.

4.4 O Alentejo: um caso especial

O que dizem os escritores "de fora": o determinismo da paisagem

A matriz erudita deste processo está em Oliveira Martins (1888), que em *Portugal — A Terra e o Homem* produz a descrição que o senso comum erudito ainda hoje cita como autoridade:

«Torrada pelo sol a face barbeada, de olhar vivo, gesto livre, porte nobre e seguro, bizarro, folgasão, hospitaleiro e comunicativo, o alentejano exprime no seu todo a grandeza um tanto austera do chão sobre que vive. (...) O alentejano diz pouco, e raro canta: não é misanthropia, é indiferença.»

O determinismo da natureza articula-se em três vectores: a planície como produtora de fatalismo (Ramalho Ortigão, 1871-1882: "a geografia é o primeiro dos tiranos"); o calor e o estio como sentença, que apaga em vez de aprofundar a vida interior; e o latifúndio como consequência natural do meio, naturalizando o social. Teófilo Braga (1885) converte o cante alentejano em consequência fisiológica do mesmo determinismo: "O silêncio imenso da planície pesa sobre o homem como uma opressão física; o canto é a resposta do organismo humano ao vazio do meio."

Fialho de Almeida: um caso à parte

Fialho de Almeida, nascido no Baixo Alentejo, situa-se na charneira entre a antropologia física académica e a sua difusão literária. Nos seus textos, o "tipo humano" regional é descrito com a sensibilidade do classificador racial:

«O estio alentejano não é apenas uma estação — é uma sentença. (...) São da cor da terra — pardos, secos, encarquilhados antes do tempo. A planície fê-los à sua imagem: vastos por fora, vazios por dentro, com uma resistência surda que não é coragem mas habituação ao sofrimento.»

A progressão é implacável: o determinismo começa no clima, passa pelo corpo e termina no pensamento — ou na sua ausência. Fialho mobiliza frequentemente o léxico mourisco para evocar uma herança étnica que não nomeia directamente mas convoca de modo contínuo.

O neo-realismo e a persistência involuntária da estrutura determinista

O neo-realismo substitui o vocabulário racial pelo vocabulário de classe, mas os seus tipos humanos reproduzem involuntariamente o esquema do alentejano fatalista e contemplativo. O caso de Urbano Tavares Rodrigues, escritor preso pela PIDE, é o mais revelador: o inconsciente de classe está presente desde a primeira linha de sua descrição dos "ratinhos" na

ceifa, que culmina na "redenção estética" do alentejano como "príncipe do deserto, de outra raça".

4.5 Conclusão: um preconceito que se torna estigma

O percurso de Antero de Quental a Oliveira Martins, a Fialho de Almeida, até ao neo-realismo, preserva intacta a estrutura determinista sob vocabulários sucessivos. O preconceito essencializa-se e naturaliza-se: converte-se em observação aparentemente objectiva.

O episódio "Évora 27" permite formular uma última questão: o que acontece quando o elogio do ritmo lento ressurgue como valor positivo? A valorização do "vagar" foi historicamente, desde a Antiguidade greco-romana, um privilégio de classes dispensadas da necessidade — o *otium* como emblema de superioridade cultural (Fumaroli, 1991; Bourdieu, 1979; 1989). O mesmo atributo que durante um século e meio desqualificou os alentejanos é agora reapropriado como virtude pelas classes que sempre detiveram o monopólio do ócio legítimo. O estigma converte-se em exotismo; a desvalorização, em valorização turística — enquanto o Alentejo continua a ser a região portuguesa com maior índice de pobreza.¹⁸

O olhar exterior, projectivo, permanece o mesmo. O que mudou foi o valor de mercado simbólico da suposta lentidão alentejana. O preconceito erudito não desapareceu — metamorfoseou-se, e a sua nova forma é mais difícil de nomear, precisamente porque veste roupagem afirmativa.

5. A terceira fonte do preconceito: cultura popular urbana e media de massa

5.1 Introdução

A terceira fonte é a mais recente e a mais poderosa em termos de difusão. As duas fontes anteriores tinham alcances limitados: a primeira era imanente aos meios populares; a segunda circulava nos meios letrados. Foi a comunicação de massa — rádio, televisão, imprensa de grande tiragem, depois os formatos digitais — que transformou o preconceito numa evidência partilhada por toda a população, incluindo os próprios alentejanos.

Esta fonte instala o *common knowledge* no sentido técnico preciso: a enunciação pública através dos media atinge simultaneamente uma audiência suficientemente grande para que se instale a estrutura recursiva de «todos sabem que todos sabem».

5.2 Uma cronologia sucinta

Anos 20-30: o Estado Novo cria os instrumentos de produção e difusão da «cultura popular» (SPN 1933, Casas do Povo 1933, FNAT 1935), tornando política de Estado a representação do camponês alentejano pacífico e naturalmente lento. Anos 40-50: o neo-realismo produz um contra-discurso de difusão restrita, vigiado pela censura — e mesmo assim reproduz, paradoxalmente, a imagem de lentidão contemplativa. Anos 70-90: massificação pelo humor televisivo; as «piadas de alentejanos» tornam-se género nacional, consolidado por publicações como *Anedotas de Alentejanos* de João Baião (1995). Anos 2000-2010: estetização e «pop alentejano» — a lentidão deixa de ser defeito e passa a índice de modo de vida idealizado. 2014: a classificação do Cante pela UNESCO reforça o valor simbólico turístico. 2026: bifurcação contemporânea — o estereótipo é explorado como recurso turístico sem que a sua base seja questionada.

5.3 As transformações do teor do preconceito

No período salazarista, o sinal do preconceito é invertido: o camponês alentejano não é lento e ocioso, é pacífico, esteta, conforme — produção deliberada do antídoto ideológico contra a memória das greves de 1911-1912. No período pós-revolucionário, o sinal reverte para negativo e aprofunda-se: ao «camponês lento e contemplativo» juntam-se o défice cognitivo, a preguiça e a incapacidade de agir a tempo. Já não é apenas «lentos» — é «burros». Esta dimensão é exactamente a que o Évora_27 omite ao listar os elementos do estereótipo apenas como «ócio e ausência de produtividade».

Urbanização/desruralização: o preconceito como instrumento de distinção

A transformação do teor do estereótipo tem origem social precisa: a nova pequena-burguesia urbana de origem rural recente²³, que usa o humor sobre alentejanos como dispositivo de distanciação simbólica do mundo de que saiu (Bourdieu, 1979). Este mecanismo não é exclusivo do caso português: os *Auvergnats* em Paris,²⁰²¹ os Irlandeses em Inglaterra,²² os *terroni* na Itália do Norte²⁴ e os *Newfies* no Canadá exibem a mesma estrutura: o migrante de segunda geração, já parcialmente integrado, reproduz e amplifica o estereótipo como dispositivo de distinção em relação aos recém-chegados.

Especificidade do caso alentejano

Dois elementos distinguem o caso alentejano: a dimensão política pós-revolucionária — o «alentejano» tinha sido, entre 1974 e 1975, o sujeito histórico de uma revolução de alcance nacional, e a reconversão do herói em figura cómica tem uma função adicional de neutralização política;²⁵ e a consequência da folclorização salazarista — o preconceito negativo sucede a uma versão oficialmente positiva do mesmo estereótipo, mudando o sinal mas preservando o conteúdo.

5.4 O paradoxo alentejano: de pacóvio a herói e de novo a pacóvio

Em menos de uma década, o «alentejano pacóvio» tornou-se o sujeito histórico da Revolução — e depois voltou a ser pacóvio. *Grândola, Vila Morena* tornou-se o hino da Revolução; o Cante, domesticado pelo Estado Novo, recuperou o seu teor combativo. Mas a contra-revolução-normalização de Novembro de 1975 apaga progressivamente essa memória e reacende o preconceito. Nos anos 80, entra a anedota televisiva: o «alentejano burro e preguiçoso» como figura cómica nacional — antídoto cultural contra a imagem incómoda do "alentejano que ocupou as terras dos ricos e fez a revolução".

5.5 A instalação definitiva do CK

O *common knowledge* instala-se quando uma crença é publicamente reconhecida como partilhada. Os media de massa são o mecanismo de instalação por excelência: a televisão faz a mesma enunciação chegar simultaneamente a milhões de pessoas. O processo tem três momentos: a difusão alargada mas não garantida (rádio, imprensa); a televisão, que produz a garantia de recepção simultânea, provavelmente nos anos 80 e 90;²⁶ e a internet, que torna o CK auto-referencial e inescapável. Os próprios alentejanos tornam-se audiência forçada do preconceito sobre si próprios¹⁹ — e por vezes os seus veículos.

5.6 Apontamento final: um inquérito por fazer

Que o alentejano seja o alvo privilegiado do humor regional português — e não o transmontano, o beirão ou o estremenho — é um facto que a hipótese sociológica implica mas não resolve

directamente. O sotaque, a política do Alentejo vermelho e a paisagem plana e silenciosa são factores plausíveis, mas não existe, que se saiba, nenhum estudo comparativo sistemático sobre o humor regional português. É mais um inquérito por fazer.

Notas

1. Nada como visitar uma vez mais os grandes clássicos: Durkheim, 1895, *Les Règles de la méthode sociologique* (recusar as "pré-noções"); Bachelard, *La Formation de l'esprit scientifique*, Paris, Vrin, 1938 — as noções do senso comum como "obstáculos epistemológicos"; Bourdieu, Chamboredon e Passeron, em *Le Métier de Sociologue* (1968): a dupla ruptura com as noções de senso comum geral e com essas noções "infiltradas" nos discursos científicos desatentos.
2. Até lá, algumas referências úteis para ir colocando alguns pontos de apoio: Bourdieu, P. "Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France. Entretien avec Lutz Raphael." *Actes de la recherche en sciences sociales*, 106/107, mars 1995, pp. 108-122. Veyne, Paul. *L'Inventaire des Différences*. Paris, Éditions du Seuil, 1976. Valle, Ione Ribeiro. "Sociologia Histórica ou História Sociológica? Diálogos a partir de Pierre Bourdieu." *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 11, n. 25, 2018, pp. 49-60.
3. Parcial porque, como em outras situações de dominação pelo menos simbólica (e frequentemente material também, como por exemplo nas situações coloniais), o dominado pode ser levado a interiorizar a definição de si próprio que o dominante lhe impõe. Fanon, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris, Seuil, 1952. «A violência simbólica é, para dizer da forma mais simples possível, aquela forma de violência que se exerce sobre um agente social com a sua cumplicidade», escreve P. Bourdieu (1992: 142-143).
4. O exemplo clássico é o do missionário que, ao chegar a uma aldeia africana, constata que um homem e uma mulher, ambos casados, mantêm relações adúlteras. Ora, o adultério é um pecado para a Igreja, e também é severamente punido pela comunidade aldeã. Mas toda a gente faz como se não soubesse e tudo continua calmo. Defensor da virtude, o missionário denuncia o facto no primeiro sermão. Pela tendência geral ("normal") é a mulher que é denunciada, mas o homem adúltero (também ele casado) é conhecido de todos. A partir desse momento, o sermão instaurou o CK: ninguém pode (continuar a) pretender que não sabe (De Freitas et al. designam-no como "efeito de coordenação"). O marido da mulher adúltera tem que castigar o cúmplice e mata-o. A família (a linhagem) do cúmplice também foi ultrajada por essa morte. E tem duas razões para matar pelo menos um membro da família da adúltera, família que não pode deixar esse crime sem cobrar o preço do sangue. E como cada morte exige que seja pago o respectivo preço, a aldeia auto-destrói-se numa vendetta sem fim. História contada por J.-P. Dupuy nos seminários do CREA, em Paris, nos anos 1990 (Centre de Recherches en Épistémologie Appliquée, École Polytechnique).
5. Não é por acaso que em quase todos os concelhos alentejanos, senão em todos, eram asperamente discutidas "tabelas salariais" que variavam consoante as épocas e as tarefas. Regularmente mais elevadas para as épocas das ceifas (cerca de 30%), as remunerações diárias negociadas (por vezes depois de conflitos acesos), nem sempre eram respeitadas por alguns proprietários. A resposta foi frequentemente a que já mencionámos: da greve à ameaça de fogo posto. É nesse ambiente tenso que intervêm os migrantes.
6. A observação aplica-se também aos pequenos artesãos — barbeiros, alfaiates, sapateiros, etc. — cuja presença entre os migrantes está documentada.
7. Referências não cabem aqui: é toda a história dos movimentos operários — de resto bem estudada —, desde há dois séculos que basta evocar assim, globalmente.
8. Saramago, José. *Levantado do Chão*. Lisboa, Caminho, 1980.
9. Acresce que, deslocados em terra distante das suas aldeias, os migrantes não dispunham de quaisquer meios de higiene e asseio. Conta-se que iam em meios-dias de folga lavar-se nos magros pegos, quando os havia no pino do verão, nos rios ou riachos em parte secos.
10. O que não impediu que muitos (?) desses homens encontrassem esposas no Alentejo. Alusões dispersas existem, mas não existe (que eu saiba) estudo sistemático da miscigenação que quantificasse o fenómeno. (Investigação nos arquivos do Registo Civil e paroquiais precisa-se...). Discursos e práticas muitas vezes divergem.
11. Nas regiões de origem dos "ratinhos" estes eram uma categoria social inferior, pobre entre as mais pobres. E marcava negativamente as famílias dos que assim iam trabalhar ao longe. Síndrome do "emigrante", mesmo que a emigração seja próxima, interna e temporária.
12. Pozzoni, Maria Chiara, and Giuseppe Quattromini. "From Folklore to Conspiracy Beliefs: A Gramscian Approach to Conspiracy Theory Studies." *Genealogy*, 8: 145, 2024. DOI: 10.3390/genealogy8040145. Grignon, Claude; Passeron, Jean-Claude. *Le Savant et le Populaire*. Paris, Gallimard-Le Seuil, 1989.

13. «Através dos Campos» (1.^a ed. 1903), in Batista Leitão, 2018.
14. Das obras de Darwin (1859, 1871) e de Mendel (1865) havia de nascer uma poderosa corrente cultural (que extravasou o círculo restrito da ciência), que interpreta a história das sociedades humanas de acordo com uma vulgata simplificada (e até simplista) das teses evolucionistas desses dois autores, e de outros biólogos contemporâneos. A sua influência na Antropologia nascente, na História, nas literaturas, foi imensa.
15. Para Michelet, a passagem é estreita entre duas teses que perfilha simultaneamente e nos parecem hoje pouco compatíveis: por um lado, existe uma entidade étnica fundacional – a Gaula pré-romana – que fornece a matriz da nação; por outro, a França só se torna uma verdadeira nação quando ultrapassa os seus particularismos regionais para abraçar o ideal universal da Revolução. Os historiadores como Oliveira Martins têm pontos de apoio diferentes e praticamente opostos: a glória pertence ao passado, o presente é decadência e o futuro mais que incerto. As diferenças originárias merecem, para eles, um cuidadoso inquérito, em busca do que fez dos portugueses um "povo mestiço" cujo presente exhibe ainda as marcas de uma miscigenação incompleta.
16. A obra fundadora da teoria do carácter inato e racial da tendência criminosa foi *L'uomo delinquente*, de Cesare Lombroso, 1876. A sua influência foi considerável em toda a Europa e nas Américas e prolongou-se pelo século XX.
17. Vergílio Ferreira situa-se nas margens do neo-realismo e fora dele a partir de "Mudança".
18. Note-se: não apenas os trabalhadores rurais estão nessa situação. Também nos empregos intermédios os "locais" perdem peso.
19. Esta situação corresponde ao que Goffman (1975) categorizava como o estigma invisível, que pode ser activado em qualquer momento (se revelado). O portador desse tipo de estigma, o indivíduo cujo estigma não é imediatamente conhecido, é "discreditable", está à mercê de uma revelação pública que não controla.
20. A Auvergne é uma região histórica e cultural do centro de França, de montanha agreste situada no coração do Maciço Central; inclui quatro departamentos. Em 2016 foi reagrupada na "grande região Auvergne-Rhône-Alpes", de que constitui a parte ocidental. Outrora dava uma população de mancebos com a mais alta taxa francesa de recusa na recruta napoleónica (1800) por falta de tamanho — o mínimo era de 1,52m. E. Le Roy-Ladurie (1966) mostrou como a miséria era a causa; menos de dois séculos mais tarde, com o aumento do nível de vida, a diferença que segundo o autor "parecia racial" tinha desaparecido. O diferencial económico (miséria) visível nos fenótipos alimentava o preconceito.
21. Um pormenor curioso: o sotaque marcado do Auvergnat contém dois traços fonéticos que o fazem soar "ridículo" aos ouvidos parisienses: a não distinção entre b/v (como em castelhano e numa parte do galego e do português a Norte do Mondego) e a palatalização do som "s" como em "são" que se torna "xão". Exemplo: "Je suis venu vite pour te voir" dá "Xe xuis benu bite pour te boir" (note-se que "bite" é uma referência anatómica e "boir(e)" é beber).
22. Digo aparentemente porque um exame mais aprofundado da relação do Norte de Portugal com o Sul revelaria sem dúvida uma surpreendente homologia com o processo de hierarquização etnicizante inglês/irlandês, de índole colonial.
23. A origem agrícola "beneficiava" também em França de epítetos pejorativos: "bouseux" (lamacentos, ou cheios de bosta de vaca — "bouse").
24. Villano e Passini (2018) referem-se ao estudo de Lynn (2010). Mas a abundante bibliografia que utilizam reforça todos os elementos do preconceito.
25. As eleições de 1976 viriam revelar o estado real das opiniões dos portugueses sobre a Revolução. Os partidos "revolucionários", os que apoiaram entusiasticamente a Revolução, eram muito minoritários, majoritários apenas no Alentejo.
26. RTP Arquivos. 1993-09-29. Reportagem da rubrica "Crónica Portuguesa" sobre as "anedotas de alentejanos", quase que uma instituição do humor popular nacional, que pelo seu excessivo traço caricatural podem por vezes ser acusadas de transformar o povo alentejano em portugueses de segunda, mas que não parecem incomodar os próprios visados. Nome do programa: *Telejornal*; personalidades: Raul Solnado, Bettencourt da Câmara.

Referências bibliográficas

- Afonso, José. *Grândola, Vila Morena*. In *Cantigas do Maio* [álbum]. Orfeu, 1971.
- Almeida Garrett, João Baptista. *Romanceiro*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1846.
- Alves Redol, Alves. *Gaibéus*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1939.

- Antero de Quental. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*. Porto, Typographia Commercial, 1871.
- Aristóteles. *Política* (trad. A. C. Amaral & C. C. Gomes). Lisboa, Vega, 1998 [séc. IV a.C.].
- Bachelard, Gaston. *La Formation de l'esprit scientifique*. Paris, Vrin, 1938.
- Baião, João. *Anedotas de alentejanos*. Lisboa, Temas da Actualidade, 1995.
- Bourdieu, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Minuit, 1979.
- Bourdieu, Pierre. *La Noblesse d'État: Grandes écoles et esprit de corps*. Paris, Minuit, 1989.
- Bourdieu, Pierre. *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris, Seuil, 1992.
- Bourdieu, Pierre. "Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France. Entretien avec Lutz Raphael." *Actes de la recherche en sciences sociales*, 106/107, 1995, pp. 108-122.
- Bourdieu, Pierre; Chamboredon, Jean-Claude; Passeron, Jean-Claude. *Le Métier de Sociologue*. Paris, Mouton, 1968.
- Braga, Teófilo. *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (2 vols.). Lisboa, Livraria Ferreira, 1885.
- Braga, Teófilo. *História da Civilização Portuguesa*. Porto, Chardron, 1894.
- Brito Pereira, Ana P. de. "As greves rurais de 1911-1912: uma leitura através da imprensa." *Análise Social*, XIX (77-78-79), 1983, pp. 477-511.
- Cabeça, Sónia Moreira. "Autoritarismo político e folclorização em Portugal: O Mensário das Casas do Povo (1946-1971)." In *Actas del VIII Congreso de Antropología. Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español*, 2009.
- Chwe, Michael Suk-Young. *Rational Ritual: Culture, Coordination, and Common Knowledge*. Princeton, Princeton University Press, 2001. <http://pscourses.ucsd.edu/ps200b/Chwe%20pages%201-33.pdf>
- Cognet, Marguerite. "Trajectoire de la différence des groupes ethnicisés, des «Auvergnats» aux «Antillais»." *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 15(2), 1999, pp. 167-187. https://www.persee.fr/doc/remi_0765-0752_1999_num_15_2_1683
- Curtis, Lewis Perry, Jr. *Apes and Angels: The Irishman in Victorian Caricature*. Washington, Smithsonian Institution Press, 1971.
- Cutileiro, José. *A Portuguese Rural Society*. Oxford, Clarendon Press, 1971. [Trad. port.: *Ricos e Pobres no Alentejo*. Lisboa, Sá da Costa, 1977.]
- Davies, Christie. *Ethnic Humor around the World: A Comparative Analysis*. Bloomington, Indiana University Press, 1990.
- De Almeida, Fialho. *O País das Uvas*. Lisboa, António Maria Pereira, 1893.
- De Almeida, Fialho. *Os Gatos: Publicação mensal de inquérito à vida portuguesa* (8 vols.). Lisboa, António Maria Pereira, 1889-1894.
- De Freitas, Julian; Thomas, Kyle; DeScioli, Peter; Pinker, Steven. "Common knowledge, coordination, and strategic mentalizing in human social life." *PNAS*, 116(28), 2019, pp. 13751-13758.
- Dias, Jorge. "Os elementos fundamentais da cultura portuguesa." In *Actas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* (Washington, 1950). Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1955, pp. 51-65.
- Dias, Sofia Gomes. "Quietude e revelação: O Alentejo em Manuel da Fonseca." In Carvalho, A. C.; Raposo, A. (coords.), *Alentejo(s) — Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*. Lisboa, Edições Colibri, 2021, pp. 203-220.
- Dupuy, Jean-Pierre. "Convention et common knowledge." *Revue économique*, 40(2), 1989, pp. 361-400. https://econpapers.repec.org/article/prsreveco/reco_5f0035-2764_5f1989_5fnum_5f40_5f2_5f409143.htm
- Dupuy, Jean-Pierre. *Pour un catastrophisme éclairé*. Paris, Seuil, 2002.
- Dupuy, Jean-Pierre. *Petite métaphysique des tsunamis*. Paris, Seuil, 2005.
- Durkheim, Émile. *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris, 1895.

- Fanon, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris, Seuil, 1952.
- Ferreira, Vergílio. *Mudança*. Lisboa, Portugal, 1946.
- Finnegan, Diarmid A. "Race, Space, and Politics in Mid-Victorian Ireland: The Ethnologies of Abraham Hume and John McElheran." *Historical Geography*, 42, 2014, pp. 152-170.
<https://dhjhxawhe8q4.cloudfront.net/nebraska-journals-wp/wp-content/uploads/2020/01/14214458/10HG42-Finnegan.pdf>
- Fonseca, Manuel da. *Aldeia Nova*. Lisboa, Edições Cosmos, 1942.
- Fonseca, Manuel da. *Cerromaior*. Lisboa, Edições Cosmos, 1943.
- Fonseca, Manuel da. *Seara de Vento*. Lisboa, Arcádia, 1958.
- Fumaroli, Marc. *L'État Culturel: Essai sur une religion moderne*. Paris, Éditions de Fallois, 1991.
- Goffman, Erving. *Stigmate. Les usages sociaux des handicaps*. Paris, Éditions de Minuit, 1975 [1963].
- Grignon, Claude; Passeron, Jean-Claude. *Le Savant et le Populaire*. Paris, Gallimard-Le Seuil, 1989.
- Herculano, Alexandre. *História de Portugal desde o Começo da Monarquia até ao Fim do Reinado de Afonso III* (4 vols.). Lisboa, Viúva Bertrand, 1846-1853.
- Herder, Johann Gottfried. *Idées pour la philosophie de l'histoire de l'humanité* (trad. Max Rouché). Paris, Aubier, 1962 [1784-1791].
- Hipócrates. Ares, Águas, Lugares (ed. J. Jouanna). Paris, Les Belles Lettres, 1994 [séc. V a.C.].
- Jeanmougin, Hélène. "Gentrification et marginalisations." *Revue de l'Institut de Sociologie*, 90, 2020.
<http://journals.openedition.org/ris/814>
- Koessler, Frank. "Common knowledge and interactive behaviors: A survey." *European Journal of Economic and Social Systems*, 14(3), 2000, pp. 271-308.
- Kuran, Timur. *Private Truths, Public Lies: The Social Consequences of Preference Falsification*. Cambridge (MA), Harvard University Press, 1995.
- Leal, João. *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa, Dom Quixote, 2000.
- Leitão Batista, Nuno. "Os ratinhos da Beira." *Capeia Arraiana*, 9 de Outubro de 2018.
<https://capeiaarraiana.pt/2018/10/09/os-ratinhos-da-beira/>
- Le Roy Ladurie, Emmanuel. *Les paysans du Languedoc* (2 vols.). Paris, S.E.V.P.E.N., Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études, 1966.
- Lombroso, Cesare. *L'uomo delinquente*. Milão, Hoepli, 1876. [Original não consultado]
- Lynn, Richard. "In Italy, North-South differences in IQ predict differences in income, education, infant mortality, stature, and literacy." *Intelligence*, 38, 2010, pp. 93-100.
<https://doi.org/10.1016/j.intell.2009.07.004>
- Marques Alves, Vera. "«A poesia dos simples»: arte popular e nação no Estado Novo." *Etnográfica*, 11(1), 2007, pp. 63-89.
- Marques Alves, Vera. *Arte Popular e Nação no Estado Novo: A Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2013.
- Mendes Correia, António Augusto. *Raízes de Portugal*. Porto, Marques Abreu, 1919.
- Michelet, Jules. *Histoire de France* (17 vols.). Paris, Hachette, 1833-1867. [Consulta parcial]
- Monteiro, Nuno. *Ratinho*. Dissertação, ISCTE-IUL, Lisboa (s.d.).
- Montesquieu, Charles-Louis de Secondat. *De l'Esprit des Lois*. Paris, Gallimard/Folio, 2011 [1748].
- Namora, Fernando. *Minas de San Francisco*. Lisboa, Portugal, 1945.
- Oliveira Martins, Joaquim Pedro de. *História da Civilização Ibérica*. Lisboa, Bertrand, 1879.
<https://www.gutenberg.org/files/34387/34387-h/34387-h.htm>
- Oliveira Martins, Joaquim Pedro de. *Portugal Contemporâneo* (2 vols.). Lisboa, Círculo de Leitores, 1881. https://purl.pt/158/4/hg-19048-p/hg-19048-p_item4/hg-19048-p_PDF/hg-19048-p_PDF_24-C-R0150/hg-19048-p_0000_anterrosto-442_t24-C-R0150.pdf

- Oliveira Martins, Joaquim Pedro de. Portugal — A Terra e o Homem. In *Obras Completas*, vol. XVI. Lisboa, Bertrand, 1888.
- Ortigão, Ramalho. *As Farpas* (14 vols.). Lisboa, Tipografia Universal, 1871-1882.
- Picão, José da Silva. «Através dos Campos». 1.^a ed., 1903.
- Pozzoni, Maria Chiara; Quattromini, Giuseppe. "From Folklore to Conspiracy Beliefs: A Gramscian Approach to Conspiracy Theory Studies." *Genealogy*, 8: 145, 2024. <https://doi.org/10.3390/genealogy8040145>
- Pustka, Elissa. *Les Aveyronnais de Paris: description d'un français du Midi parisianisé*. University of Vienna, 2007. https://www.researchgate.net/publication/268205207_Les_Aveyronnais_de_Paris_description_d%27un_francais_du_Midi_parisianise
- Ribeiro, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (2.^a ed.). Lisboa, Sá da Costa, 1963 [1945].
- Ribeiro, Orlando. *A Formação de Portugal*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. https://www.academia.edu/8703571/A_Formação_de_Portugal_Orlando_Ribeiro
- Rioux, Jean-Pierre. "Les Auvergnats de Paris." *L'Histoire*, Mensuel 1, 1978. <https://www.lhistoire.fr/les-auvergnats-de-paris>
- Rocha Peixoto, Augusto. *Etnografia Portuguesa* (ed. póstuma, 1967). Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1899-1905.
- Rodrigues, Urbano Tavares. *O Monte das Rosas*. Lisboa, Portugalíia, 1958.
- Saramago, José. *Levantado do Chão*. Lisboa, Caminho, 1980.
- Scott, James C. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven, Yale University Press, 1985. https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2020/04/Weapons-of-the-Weak_-Everyday-Forms-of-Peasant-Resistance-James-C.-Scott.pdf
- Seixas de Melo, Daniel. *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.
- Servol, Marielle. *Les amicales des Auvergnats de Paris de l'entre-deux-guerre*. Université Paris 1, 1994. <https://histoire-sociale.cnrs.fr/les-amicales-des-auvergnats-de-paris-de-lentre-deux-guerre/>
- Thompson, Edward Palmer. *The Making of the English Working Class*. Londres, Victor Gollancz, 1963. https://archive.org/details/makingofenglishw0000thom_h6a2
- Valle, Ione Ribeiro. "Sociologia Histórica ou História Sociológica? Diálogos a partir de Pierre Bourdieu." *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 11, n. 25, 2018, pp. 49-60.
- Veyne, Paul. *L'Inventaire des Différences*. Paris, Éditions du Seuil, 1976.
- Villano, Patrizia; Passini, Stefano. "Competent in the North, passionate in the South: Stereotypes and prejudices between Northern and Southern Italy." *Psicologia Sociale*, 13(2), 2018, pp. 91-105. DOI: 10.1482/90777. https://www.researchgate.net/publication/327830835_Competent_in_the_North_passionate_in_the_South_Stereotypes_and_prejudices_between_Northern_and_Southern_Italy
- Williams, Raymond. *Culture and Society*. Londres, Chatto & Windus, 1958.
- Évora 2027 — Capital Europeia da Cultura. *Bidbook de Selecção*. Évora, Évora 2027, 2022.
- Vaiarelli, G. "Da Lombroso all'autonomia differenziata: il pregiudizio antimeridionale non muore." *Istituto Euro Arabo*, 1 de Março de 2026. <https://www.istitutoeuroarabo.it/DM/da-lombroso-allautonomia-differenziata-il-pregiudizio-antimeridionale-non-muore/>
- Tréfaut, Sérgio (realizador). *Outro país* [Documentário]. 2004.
- UNESCO. *Cante alentejano, polifonia do Baixo Alentejo*. Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, 2014.
- Arquivo RTP. *Anedotas alentejanas* [Reportagem, rubrica «Crónica Portuguesa»]. Rádio e Televisão de Portugal, 1993-09-29. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/anedotas-alentejanas>